

LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM: LUGAR DE ESTAR E SER

Claírton Elsenbach¹

“Se eu pudesse...

Dava um globo terrestre a cada criança...

Se possível até um globo luminoso,
Na esperança de alargar ao máximo a visão infantil
E de ir despertando interesse e amor
Por todos os Povos,
Todas as Raças,
Todas as Línguas,
Todas as Religiões!” (F. Abramovich)

Resumo

A Proposta Político Pedagógica da Escola Ciclada se organiza em torno da problemática da exclusão do/a aluno/a da e na escola. E, nesse sentido, o coletivo de professores/as engaja-se gradativamente na compreensão deste aspecto que a diferencia enquanto proposta educacional. O espaço do Laboratório de Aprendizagem (LA) surge como possibilidade de promover a construção subjetiva e cognitiva dos sujeitos com dificuldades de aprendizagem, com vistas a auxiliá-los a acompanhar o processo ensino-aprendizagem na turma onde se encontram (Cadernos Pedagógicos nº 9, 1999). O encaminhamento de um aluno para o LA ocorre após uma avaliação do coletivo de educadores que interagem com o mesmo revelando o que o/a aluno/a já sabe e as suas dificuldades cognitivas e sociais. Assim, os/as professores/as do LA, juntamente com os/as professores/as referências, os/as professores/as itinerantes, os/as professores/as das áreas da Educação Física, Arte-Educação e Língua Estrangeira, as professoras da Sala de Integração e Recursos (SIR) e a Equipe Diretiva são os que se responsabilizam pelo avanço social e cognitivo dos alunos/as.

Palavras Chaves: Laboratório de aprendizagem

CAMINHOS: por onde acontece a ação no LA

Historicamente a educação percorreu vários caminhos, várias concepções e paradigmas foram definidos e defendidos, entre eles, as abordagens: psicologista (testagens), biologicista (ENE/exame neurológico evolutivo, desnutrição), culturalista (pobreza), por exemplo (MOLL, 1996).

¹ Professor da EMEF Mário Quintana

O LA traz uma proposta que busca propor vivências que envolvam a construção significada baseadas no estímulo, ordenamento, conscientização e aperfeiçoamento do ‘estar/ser’ no mundo da vida, dentro do que Piaget e Vygostky nos apontam com os paradigmas Psicogenético e Sócio-Cultural, respectivamente.

A pesquisadora Elvira Lima aponta em suas conferências as funções psicológicas superiores (percepção/sentidos, imaginação, memória, atenção e pensamento) como constituintes dos sujeitos na construção de significados e significantes na apreensão e compreensão do mundo.

Esta busca pela compreensão e inserção na realidade do ‘mundo da vida’ (Schütz) na Escola Mário Quintana e, em tantas outras da classe popular, nos coloca na posição de tentarmos dar conta da ‘infância, da adolescência, da juventude não vivida’ (ARROYO,2000) dos alunos (Self made child, Beyer).

O espaço do LA na escola Mário Quintana está numa caminhada de construção com o coletivo de professores. Há um diálogo constante para consolidar uma ação em torno das questões de como melhor aproveitar este espaço de construção do conhecimento pelos/as aluno/as e pelos/as educadores/as, assim como, da necessidade de dar conta da formação destes sujeitos na interação e na compreensão do mundo onde vivem.

Em uma leitura recente encontro que “a ação educativa se dirige a um ser livre, histórico e social(...), a educação se situa no terreno da ação, portanto, prática”(VEIT, 1980:193) e, é com esta perspectiva que situamos a ação dos educadores junto a uma comunidade escolar que busca a vivência da democracia e a construção da cidadania.

Nesta perspectiva, acredito que uma das profissões mais difíceis de exercermos é a de educadores, pois esta se choca com a utopia da garantia de aprendizagem para todos e com a individualidade de cada sujeito que aprende e ensina.

Quanto às construções sociais e cognitivas, apontamos um dado preocupante na vida dos alunos: a ‘adultização’ precoce das crianças pelos meios de comunicação e pelos adultos que com elas convivem. Aspecto que toma relevância ao quisermos que os alunos vivam seus momentos em tempo-espaço propício para um desenvolvimento global harmônico e feliz, mas sem a perda da imaginação, da curiosidade e do prazer de brincar² e conhecer o mundo.

Vemos com grande entusiasmo e relevância a função desse lugar na escola onde o aluno é valorizado pelo que sabe, descobre que sabe e percebe que pode avançar

² Conforme o professor Djalma Oliveira da Silva, o brincar é visto como possibilidade de ajudar “a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois através das atividades lúdicas a criança forma conceitos, relaciona idéias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento” (Oficina: O prazer de Brincar: Uma Pedagogia Poética, 2000).

através de ações ousadas sobre aspectos organizadores e promotores de um desenvolvimento pleno, com acesso ao conhecimento, à cultura, que busca fugir de um 'estreitamento da prática docente' (ARROYO, 2000) centrada, tão somente, em listagens de conteúdos.

Assim, o LA busca trabalhar com os seguintes aspectos, enquanto espaço escolar de ensino-aprendizagem e de ressignificação do mundo dentro e fora da escola:

- 1. Construindo conceitos (Áreas do Conhecimento);**
- 2. Adquirindo informações (Convenções/Códigos);**
- 3. Desenvolvendo habilidades: ler, falar, escrever, conversar, observar, descrever, perguntar, pensar, discutir, analisar, imaginar...;**
- 4. Formando atitudes: persistência, respeito, saber ouvir, organização, ...**
- 5. Descobrimos valores: cooperação, amor à natureza, valorização do meio, consciência crítica do coletivo, solidariedade, ...;**

Entre estes aspectos salientamos o gosto de criar, recriar, inventar, ler e descobrir, na construção do 'self' (eu) pelo fato de eu ser em função do outro existir no constante movimento de preservação das individualidades, nas interações e nas adequações que ocorrem através da linguagem.

Encontramos em Arroyo(2000) que, devemos trabalhar na perspectiva de que todos tenham o "direito ao conhecimento, ao saber, à cultura e seus significados, à memória coletiva, à identidade, ao desenvolvimento pleno como humanos", pois segue o autor, " não nascemos humanos, nos fazemos. Aprendemos a ser no convívio, na relação com o outro".

A 'complexidade' constitui os sujeitos na sociedade, e este aprender com o outro faz com que os mesmos não percam as suas características próprias, enquanto sujeitos únicos, mas aprendam no dinamismo das vivências escolares, deparando-se com a diversidade, quer seja estatística, estrutural/funcional e ou 'de tipo ideal' (AMARAL, 1998). Daí surgem vários conflitos entre os sujeitos que se vêem cercados por demandas existenciais envolvendo o afetivo, a emoção, os sentimentos, as diferentes culturas e de possibilidades de criação e construções ímpares para a melhoria da qualidade de vida individual e coletiva no mundo dado.

Os/as alunos/as encaminhados/as ao LA são vistos com este olhar na tentativa de efetivar o sucesso em sua passagem pela escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ligia A **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação.** In.:AQUINO, Julio G. (org) Diferenças e preconceito na escola. Alternativas Técnicas e Práticas. SP, Summus, 1998.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e Auto-imagens.** RJ, Vozes, 2000.
- MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível: Reiventando o Ensinar e o Aprender.** Porto Alegre, Mediação, 1996.
- VEIT, Laetus Mário. **Análise fenomenológica da idéia de educação.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v.5, p173-195, maio/ago., 1980.